

Os dados do ALIB: recaracterizando os falares amazônico e nordestino

1. Sobre os Atlas Linguísticos Brasileiros e a proposta de Nascentes

Os atlas linguísticos possibilitam a percepção de como se distribui a realização de fenômenos linguísticos no território nacional a partir da sua divisão geográfica. No Brasil, já se encontram publicados alguns atlas regionais que visam à descrição dos falares mais específicos de cada região. Citamos alguns deles: *Atlas prévio dos falares baianos* (Rossi 1963)¹, o *Esboço de um atlas linguístico de Minas Gerais* (Ribeiro 1977), o *Atlas linguístico da Paraíba* (Aragão/Menezes 1985), o *Atlas linguístico de Sergipe* (Ferreira et al. 1987), o *Atlas linguístico do Paraná* (Aguilera 1994), o *Atlas Linguístico de Sergipe-II* (Cardoso 2005 [2002]), o *Atlas linguístico sonoro do Pará* (Razky 2004), o *Atlas Linguístico de Mato Grosso do Sul* (Oliveira, Dercir 2007), *Atlas Linguístico-etnográfico da Região Sul* (Koch 2002), *Atlas Linguístico do Amazonas* (Cruz 2004) e o *Atlas Linguístico do Ceará* (Bessa 2010). Como se pode notar, até 2003 não havia nenhum atlas publicado na região Amazônica. Em 2003 foi publicado o primeiro atlas linguístico da região amazônica, o *Atlas Linguístico Sonoro do Pará* (ALiSPA, cf. Razky 2004). Curiosamente, os resultados de pesquisas preliminares sobre os falares do Norte do país apontam resultados que vão de encontro, muitas vezes, aos sugeridos em alguns estudos mais remotos. Eles se dão tanto no nível lexical quanto no nível fonético, com base nos estudos aqui desenvolvidos. Neste nível, apontamos resultados relativos à variação das vogais médias pretônicas e à palatalização das coronais /t/, /d/ e /l/.

Nascentes (1953) foi o primeiro a fazer uma divisão dialetal do Brasil com base em critérios linguísticos. Essa divisão, apesar de não se fundamentar em dados empíricos coletados diretamente dos falantes, mas em sua observação pessoal e em sua experiência adquirida por meio de suas viagens por todo o território nacional, é, ainda hoje, se não aceita, pelo menos considerada sempre que o assunto é variação diatópica do Português do Brasil (PB).

Nascentes (1953) se baseou em dois aspectos da variação fonética do PB: a) a pronúncia das vogais médias pretônicas /e/ e /o/; b) um traço prosódico que ele chamou de “cadência” da fala. Com base nesses dois aspectos, « a cadência e a existência

¹ Em novembro de 2013, durante o XI Workshop do ALiB, serão comemorados os 50 anos do AFPB.

de pretônicas abertas em vocábulos que não sejam diminutivos nem advérbios em mente », Nascentes propõe a divisão do Brasil em seis « subfalares », reunindo-os em dois grupos, o do Norte e do Sul. O grupo do Norte seria constituído por dois subfalares: o amazônico e o nordestino; o grupo do Sul, por quatro: o baiano, o mineiro, o fluminense e o sulista. Os subfalares do Norte seriam caracterizados pela pronúncia aberta das vogais médias pretônicas e pela « cadência » cantada; os do Sul apresentariam a pronúncia fechada dessas vogais e « cadência descansada ». Segue a proposta apresentada pelo autor:

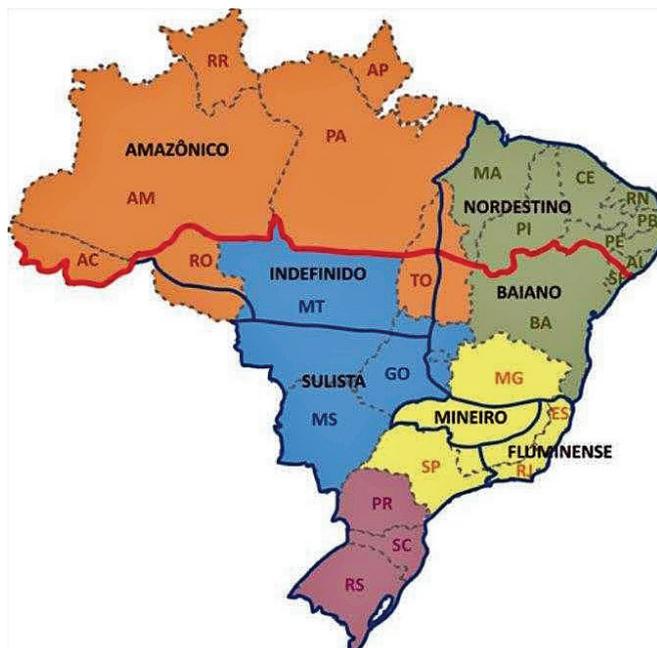


Figura 01: Divisão dialetal do Brasil (1953)
Adaptado de Nascentes (1953)

Os resultados preliminares relativos à pesquisa em andamento remetem a uma recharacterização da referida divisão dialetal, especialmente no que concerne aos falares amazônico e nordestino, já que, segundo a proposta de Nascentes (1953), apresentam a mesma caracterização quando se trata das médias pretônicas. Por outro lado, remetem à avaliação de diferenças marcantes entre esses falares. No presente estudo, apresentaremos resultados relativos à variação das médias pretônicas e palatalização nas capitais da região Norte, excetuando-se o Tocantins. Primeiramente serão apresentados dados relativos à variação das médias pretônicas /e/ e /o/. Procederemos à demonstração de resultados obtidos no Rio de Janeiro, São Paulo, Recife, Salvador e Porto Alegre no sentido de comparar resultados encontrados no Sul e Norte do país com os do Norte. Em seguida, apresentaremos dados específicos da região Norte do

Brasil. Depois apresentaremos dados sobre a palatalização de /t/ /d/ e /l/ na região Norte do Brasil e em dez cidades paraenses. Os dois fenômenos se revelam importantes para estudo, já que apontam resultados diferentes dos encontrados em décadas anteriores e por caracterizarem os falares de comunidades investigadas no presente estudo.

1. Imagens preliminares da variação na região Amazônica

Como foi dito anteriormente, a região Norte tem a pesquisa dialetológica fomentada na década de 90, mas especificamente a partir de 1996, por meio da execução do projeto *Atlas Linguístico do Pará*, ainda em andamento. Esse projeto tem em vista o mapeamento das variações no estado do Pará. Para isso, adota o referencial teórico-metodológico da Dialectologia, na zona rural e da Sociolinguística na zona urbana. Os dados a serem utilizados para comparações no presente estudo são oriundos do *Atlas Linguístico Sonoro do Pará* (ALiSPA), um subprojeto do ALiPA, publicado em 2003. Este atlas, apesar de apresentar a transcrição fonética dos dados linguísticos, permite que o usuário tenha acesso às gravações feitas pelos pesquisadores. Dá, ainda, a possibilidade de o usuário escolher a escuta de dados linguísticos com base em diferentes estratificações, como, por exemplo, idade. Os dados para esse atlas foram coletados de dez cidades paraenses, conforme se pode visualizar, abaixo:

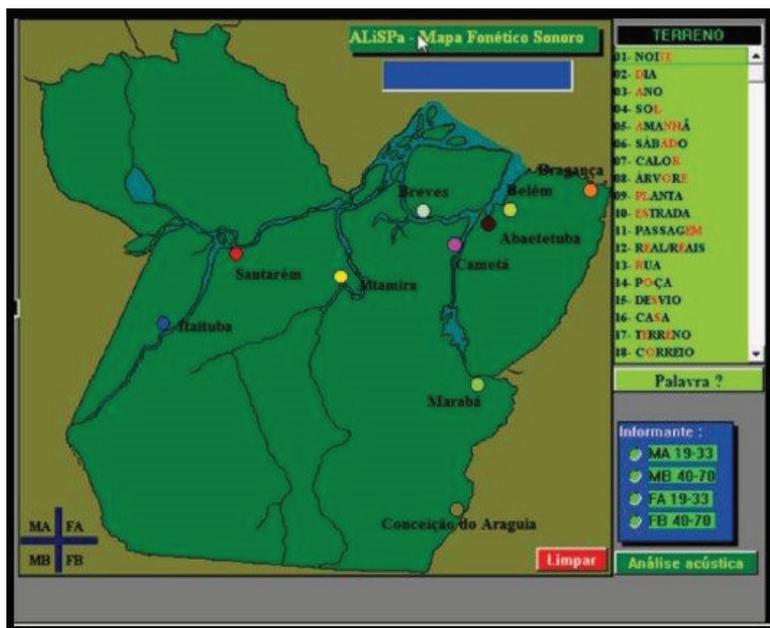


Figura 02: Atlas Linguístico Sonoro do Pará
Fonte: Razky et al. (2004)

Além desses dois projetos, há, ainda, o *Atlas linguístico do Brasil* (ALiB) que tem em vista identificar, descrever e mapear as variações linguísticas no Brasil. Os dados dos referidos projetos cobrem os anos de 2000 até 2012 para a região Norte. A coleta dos dados do ALiB foi formalmente concluída em setembro de 2013. Os resultados das diferentes pesquisas são comparáveis, pois apresentam metodologia similar. As capitais do Norte de onde foram coletados os dados para o projeto são: Amapá, Acre, Manaus, Pará, Roraima e Rondônia².

3. Imagens preliminares das médias pretônicas

Para discussão das características dos falares do Norte, que concerne à variação das médias /e/ e /o/ utilizaremos dados de pesquisa realizada por Razky/Oliveira/Lima (2012). Para comparação, convocaremos dados apresentados em Leite/Callou (2002).

Pesquisa realizada por Leite/Callou (2002) demonstram que a abertura de vogais médias diminui em direção ao Sul do Brasil. Isso pode ser constatado no gráfico que segue:

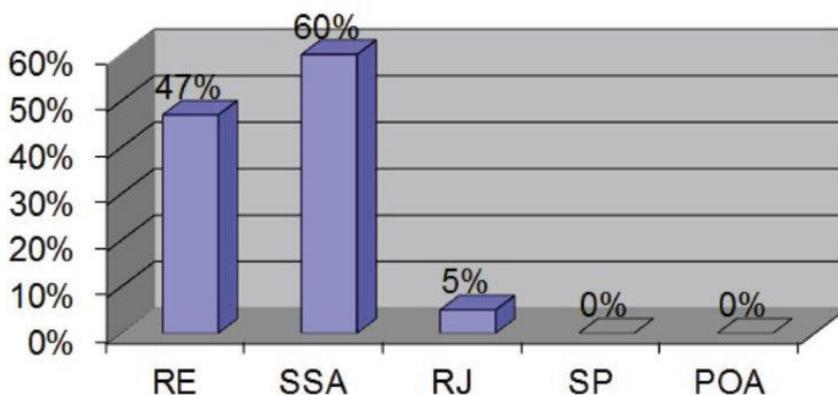


Figura 03: Pronúncia aberta de [é] e [ó] pretônicos no Brasil

Fonte: Leite/Callou (2002)

Os dados do gráfico demonstram, claramente, que, no Nordeste brasileiro, Recife (RE) e Salvador (SSA), há significativa ocorrência de abaixamento das médias pretônicas. Essa frequência reduz consideravelmente no Sudeste, representado pela capital Rio de Janeiro (RJ). Ela inexistente em São Paulo (SP) e em Porto Alegre (POA).

Nessa perspectiva, pode-se dizer que a previsão de Nascentes (1953) estava cor-

² O detalhamento dos pontos de inquérito do ALiB podem ser consultados em <www.alib.ufba.br> e para o ALiSPA em <www.ufpa.br/alipa>.

reta, já que coloca, de um lado, o Nordeste e, de outro, o Sul no que se refere à abertura das vogais médias. Entretanto, sua proposta não se aplica ao falar amazônico, conforme evidenciam as imagens linguísticas que serão apresentadas a seguir:

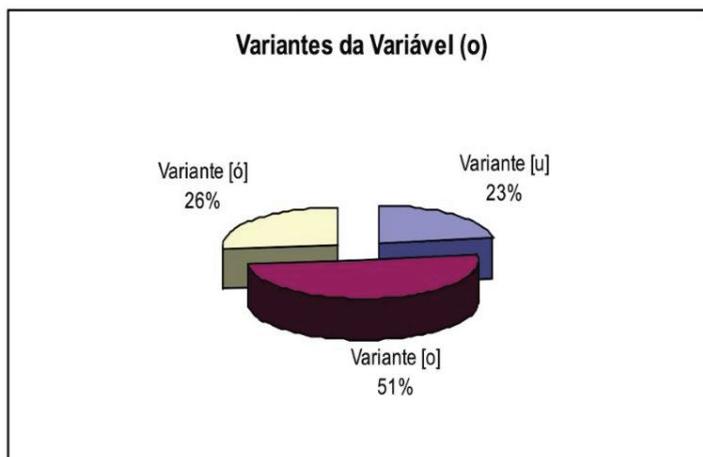


Gráfico 01: Distribuição das variantes da média anterior /o/ no Pará

Os dados que serviram de base para a pesquisa de Razky / Oliveira / Lima (2012) são oriundos do ALiSPA. Esses dados foram coletados de 2000 a 2002. Nota-se que no estado do Pará [o] e [u] são tão ou mais frequentes que [ó]. Assim, esses resultados se distanciam do que foi encontrado no Nordeste onde o abaixamento é altamente produtivo e, por outro lado, leva à necessidade de recharacterização da divisão proposta por Nascentes (1953).

Vejamos o que dizem os resultados relativos à média anterior /e/:

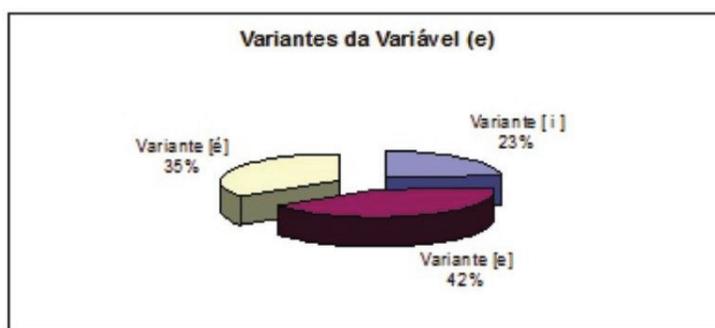


Gráfico 02: Distribuição das variantes da média anterior /e/ no Pará

Quanto à variação da média anterior /e/, pode-se dizer que há um pequeno aumento do abaixamento, representado pelo uso de [é], 35%, em detrimento do

fechamento pelo uso de [e], 42%. Mas essa diferença é baixa. Novamente, a ocorrência da média não baixa, [e], é bem elevada e se assemelha ao de [o] em relação à predominância para a média posterior.

Desses resultados, conclui-se que a variação das médias pretônicas não se apresenta como no Nordeste, mas parece claro, por outro lado, que suas variantes não são usadas como no Sul e Sudeste do Brasil também. Pode-se dizer que elas apresentam um comportamento relativamente intermediário que não apresenta uso categórico de médias baixas, como no Nordeste, nem de médias altas como no Sul e Sudeste. Isso coloca novamente o falar amazônico numa posição que se distancia do que foi proposto em Nascentes (1953). Assim, não é mais possível afirmar, com base em dados mais recentes, em subfalares do Norte, incluindo-se aí os falares amazônico e nordestino, quando se trata da abertura das vogais médias. Há que se fazer um refinamento nessa divisão.

Mas cabem ainda algumas observações sobre o uso considerado ainda elevado do abaixamento no falar amazônico. Esse uso de variantes médias baixas parece estar ligado a questões de migração. Vejamos o gráfico que segue:

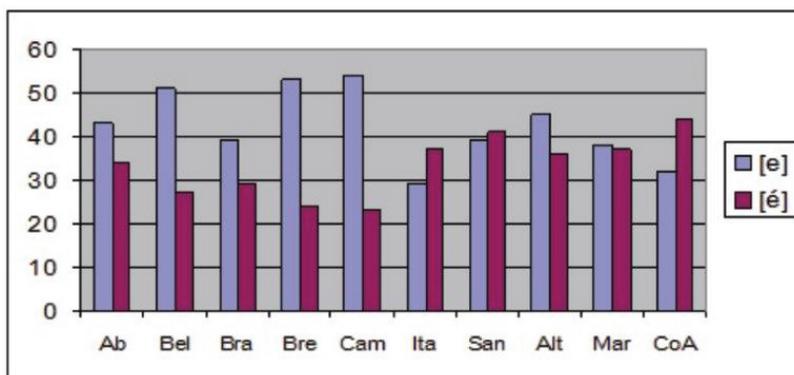


Gráfico 04: Distribuição de [é] no Estado do Pará

Fonte: Razky/Oliveira/Lima (2012)

Os resultados do gráfico 2 apresentam a predominância da abertura em cidades que se localizam nas mesorregiões Metropolitana de Belém, Tocantina e do Nordeste do Pará, ou seja, em Abaetetuba, Belém, Breves, Cametá. Curiosamente, há também predominância de [e] em Altamira. Em Itaituba, Conceição do Araguaia e Santarém a frequência da abertura é mais alta. Em Marabá, [e] e [é] apresentam índices muito próximos, com ligeira diferença em favor da [é]. Razky/Oliveira/Lima (2012) relacionam esses resultados a fatores de migração. As cidades que apresentam mais altos índices de abertura de /e/ tem histórico de forte migração nordestina, o que deve ser um fator que favorece o uso de [é] em detrimento de [e].

3. Imagens preliminares da palatalização das coronais /t/, /d/ e /l/

No que se refere à palatalização, pode-se dizer que o panorama linguístico é bastante diferente quando se comparam os falares amazônico e nordestino, principalmente quando se lança mão da palatalização de /l/. Oliveira, M.B. (2007), ao realizar pesquisa bibliográfica tomando por base atlas linguísticos, identificou índices significativos de palatalização de /t/ e /d/ no Brasil. Mas esses índices não são tão altos quanto os encontrados no Pará (cf. Oliveira et al. 2013).

Pesquisa realizada por Godinho (2012) evidencia alto índice de palatalização no Pará. A pesquisa realizada pela autora teve dados oriundos do ALiB. Seguem os contornos diatópicos apresentados pela autora para a palatalização de /t/ e /d/ pre-vo-cálicos:

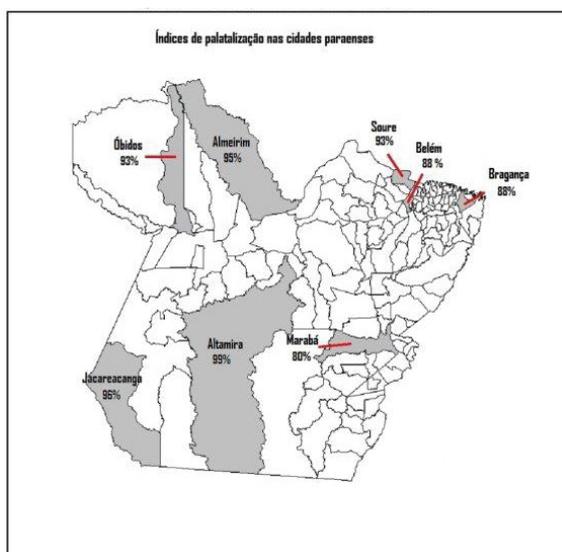


Figura 04: índices de palatalização nas cidades paraenses
Fonte: Godinho (2012)

Como se pode visualizar na figura 05, os resultados mostram que, no Pará, a palatalização, diferentemente do que se verificou no Nordeste do Brasil, apresenta índices quase categóricos. A menor frequência é, curiosamente, 80%. Mesmo nas localidades onde há forte migração nordestina a palatalização se destaca. É o caso de Altamira, com 99% de frequência.

Outra pesquisa realizada no âmbito do projeto “As oclusivas coronais no falar paraense” aponta altos índices de palatalização para /t/ e /d/ no Pará. Os resultados foram coletados no âmbito do projeto ALiSPA. Vejamos os resultados para /t/:

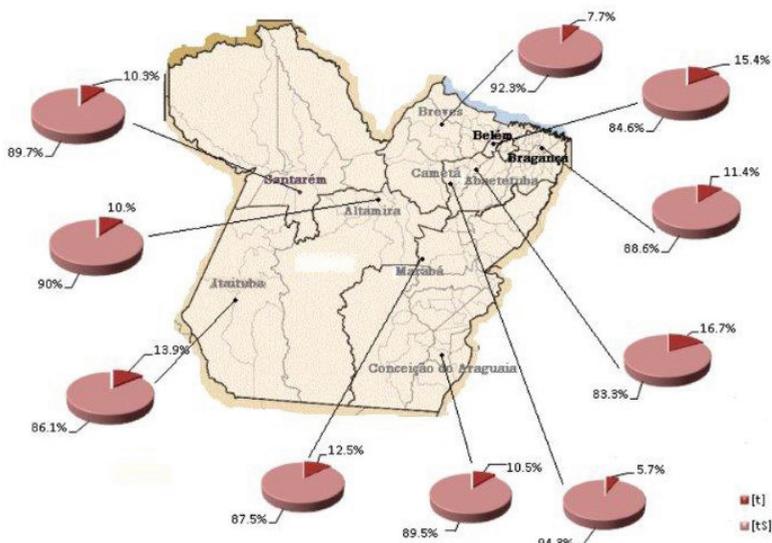


Figura 05 : Distribuição da palatalização de /t/ no Pará Fonte: Oliveira et al. (2013)

Em todas as dez localidades pesquisadas a palatalização é significativamente mais frequente do que a não palatalização, representada pelo uso da variante alveolar [t]. Os menores índices, iniciando os 80%, encontram-se em Abaetetuba e Belém, já significativamente elevados. Os mais altos, na casa dos 90%, encontram-se em Cameté, Breves e Altamira. Se considerarmos, grosso modo, que os dados de Oliveira et al. (2013) foram coletados entre 2000-2002 e os de Godinho (2012) entre 2009-2012, podemos dizer que em Belém (88%), Altamira (99%) houve aumento da palatalização. Em Bragança ela se manteve como quando coletados os dados para o ALiSPA. Em Marabá, a palatalização diminuiu. Entretanto, esses dados precisam de refinamento. Godinho (2012) analisou palatalização de /t/ e /d/ conjuntamente. Assim, é possível que o aumento da palatalização seja ainda maior, já que a palatalização de /d/ é menos produtiva que a de /t/. Quando os dados foram juntados, as frequências caíram. Nesse caso, em Bragança, a palatalização já seria mais frequente que a não palatalização. Vejamos o que dizem os resultados para /d/:

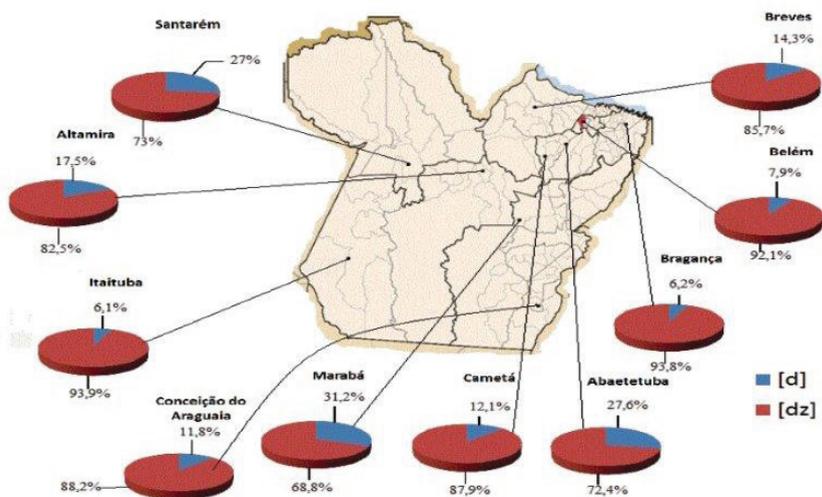


Figura 06: Distribuição da palatalização de /d/ no Pará

Fonte: Oliveira et al. (2013)

Apesar de estudos sobre a palatalização de /d/ no Brasil indicarem que /t/ palataliza bem mais que /d/, podemos dizer que a palatalização de /d/ também está bastante avançada no Pará. O menor índice está em Marabá, com 68,8%. O maior encontra-se em Itaituba, com 93,9%. Bragança, 93,8%, e Belém, 92,1%, também apresentam índices bem próximos dos encontrados em Itaituba.

Os estudos sobre a palatalização de /t/ e /d/ no Brasil dizem que a surda palataliza mais do que seu par sonoro /d/. Esses resultados também são confirmados no Pará. Por outro lado, os resultados apresentados no dois mapas evidenciam quanto a palatalização está avançada no Estado. Outro dado relevante diz respeito ao fato de que embora os dados tenham sido coletados em períodos diferentes mostram que a palatalização continua a aumentar no Estado.

Os resultados apresentados também revelam que há diferenças entre os falares amazônicos e nordestino quanto à palatalização das oclusivas /t/ e /d/. Mas esse quadro de diferença se acentua ainda mais quando se trata da palatalização de /l/. Em relação à essa variação, os resultados que advieram de pesquisa bibliográfica (cf. Oliveira, M.B. 2007) apresentam a seguinte distribuição:

Referências Bibliográficas

- Aguilera, Vanderci, 1994. *Atlas Lingüístico do Paraná*, Universidade Federal do Paraná.
- Aragão, Maria do Socorro/Menezes, Cleusa P. Bezerra, 1985. *Atlas Lingüístico da Paraíba: cartas léxicas e fonéticas*, Brasília, UFPB/CNPq - Coordenação Ed. 2 vol.
- Bessa, José Rogério Fontenele et al., 2010. *Atlas lingüístico do estado do Ceará*, Fortaleza, Universidade Federal do Ceará, 2 vol.
- Cardoso, Suzana Alice Marcelino, 2005 [2002]. *Atlas lingüístico de Sergipe-II*, Salvador, ADU-FBA, 2 vol. [tese de doutoramento pelo la Universidade Fedederal do Rio de Janeiro em 2002].
- Cruz, Maria Luíza de Carvalho, 2004. *Atlas Lingüístico do Amazonas (ALAM)*, Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro, Tese de Doutorado.
- Ferreira, Carlota/Freitas, Judith/Mota, Jacyra/ Andrade, Nadja/ Cardoso, Suzana/ Rolleberg, Vera/Rossi, Nelson, 1987. *Atlas Lingüístico de Sergipe*, Salvador, Universidade Federal da Bahia/Fundação Estadual de Cultura de Sergipe.
- Godinho, Cíntia, 2012. *Variação das oclusivas alveolares no Estado do Pará*, Belém, Universidade Federal do Pará.
- Koch, Walter/Klassmann, Mario Silfredo/Altenhofen, Cléo Wilson, 2002. *Atlas Lingüístico-etnográfico da Região Sul: cartas fonéticas e morfossintáticas*, Porto Alegre/Florianópolis/Curitiba, Ed. UFRG/Ed. UFSC/Ed. UFPR, 2 vol.
- Leite, Yonne/Callou, Dinah, 2002. *Como falam os brasileiros*, Rio de Janeiro, Zahar.
- Nascentes, Antenor, 1953². *O linguajar carioca*, Rio de Janeiro, Simões.
- Oliveira, Dercir Pedro de, 2007. *Atlas Lingüístico do Mato Grosso do Sul*, Campo Grande Mato Grosso do Sul, Ed. UFMS.
- Oliveira, Marialúcia B. de, 2007. *Palatalização da lateral alveolar // em posição prevocálica em Itaituba-PA*, Belém, Universidade Federal do Pará.
- Oliveira, Marialúcia B. de et al. 2009. «Imagens preliminares da realização variável de // prevocálico no Estado do Pará», *Signum: estudos da Linguagem* 12/1, 257-278.
- Oliveira, Marialúcia B. de. et al., 2013. *Distribuição da palatalização de /t/ e /d/ no Pará*, Universidade Federal do Pará (relatório de pesquisa).
- Razky, Abdelhak et al., 2004. *Atlas Lingüístico Sonoro do Pará*, Belém, Universidade Federal do Pará.
- Razky, Abdelhak/Lima, Alcides Fernandes de/Oliveira, Marialúcia B. de, 2012. «As vogais médias pretônicas no falar paraense», *Signum: estudos da Linguagem* 15/1, 293-310.
- Ribeiro, José et al., 1977. *Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais*, Juiz de Fora, Universidade Federal de Juiz de Fora, vol. 1.
- Rossi, Nelson. 1963. *Atlas prévio dos falares baianos*, Rio de Janeiro, MEC/INL.